

URBANISMO Autorização do Iphan, de 2006 e que expirou no ano passado, permitia a retirada de pedras portuguesas

Apesar de ter obtido licença há 3 anos, prefeitura não inicia obras no Comércio

Marco Aurélio Martins / Ag. A TARDE



É fácil encontrar pedras portuguesas fora do lugar no Comércio, tanto à frente de pontos turísticos, como o Mercado Modelo, quanto nas paradas de ônibus e nas calçadas

DANILE REBOUÇAS

Transeuntes, comerciantes e moradores do bairro do Comércio (Cidade Baixa) continuam à espera de melhorias para as calçadas da região. Há três anos, a prefeitura conseguiu autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para substituir as pedras portuguesas tradicionais por piso de concreto e granito em 34 quadras, mas nada foi feito.

A licença do Iphan expirou em julho do ano passado, após dois anos e, em dezembro, a prefeitura solicitou novamente a autorização do órgão federal e não sabe ainda quando terá uma resposta. Enquanto a nova liberação não sai, nem o município nem proprietários particulares investem na manutenção das calçadas.

É fácil encontrar pedras fora do lugar, tanto na frente de pontos turísticos, quanto nas paradas de ônibus e locais de passagem. A consultora Alessandra Pimentel, 36, deixou de usar salto alto quando vai à região para evitar tropeços e prender o sapato nos espaços entre as pedras. "Adoraria se eles fizessem manutenção nas pedras portuguesas, que

"Adoraria a manutenção nas pedras portuguesas"

ALESSANDRA PIMENTEL, consultora, não usa salto alto na região

"A população odeia as pedras, percebemos isso no dia-a-dia"

MARCUS CIDREIRA, gestor, quer concreto e granito

têm mais a ver com os prédios antigos. Mas, eles não fazem nem uma coisa nem outra, todos os lugares têm algo quebrado", ela reclama.

Maria Verônica, 38, que trabalha em uma gráfica no Comércio, conta que a chefe dela, com 73 anos, levou uma queda, recentemente, por causa da irregularidade da

calçada. "Eles não cuidam, poderiam fazer uma reforma com as pedras portuguesas, ou até trocar pelo concreto, mas que seja algo bem feito. Eu prefiro a manutenção das pedras, já que é para se conservar as características do local", diz. O taxista Fernando Mercês, 60, conta que também anda com cautela nas ruas do bairro. "Já passou da hora de eles fazerem uma manutenção para não ficar degradado do jeito que está".

O coordenador do Escritório de Revitalização do Comércio, Marcus CIDREIRA, afirma que em julho cobrou do Iphan uma resposta, mas não teve retorno. "A demora é nosso grande entrave e isso assusta muito os investidores internacionais, é muita burocracia", diz. Em relação à falta de manutenção, o coordenador coloca a responsabilidade nos proprietários de imóveis que, conforme lei municipal, têm a responsabilidade de fazer a manutenção dos passeios à frente dos estabelecimentos. "Não conseguimos sensibilizar a população toda para isso", lamenta. Entretanto, até mesmo nas áreas públicas, como no Terminal da França, há buracos ao longo da calçada.

Xando Pereira / Ag. A TARDE / 30.8.2009



Obra na Barra gerou grande polêmica no ano passado

Este mês a polêmica obra que retirou pedras portuguesas das calçadas ao longo da orla marítima na Barra completa um ano. Recém-empossado no Ministério da Cultura, em substituição a Gilberto Gil, Juca Ferreira assumiu uma posição crítica sobre as modificações implantadas pela Prefeitura de Salvador. Ele defendeu a manutenção das pedras portuguesas, "como forma de preservar a herança do período colonial" e chegou a acusar a administração municipal de querer transformar a capital baiana numa "Miami do Hemisfério Sul".

Para Ferreira, a posição dele refletia "o desejo de zelar pela preservação da cidade, por que as mudanças que estão sendo feitas não levam em conta as características históricas de Salvador. Eles não conseguem enxergar esta dimensão da cidade!".

Juca Ferreira não foi o único a levar o debate adiante. A época escrevendo diariamente em um blog na internet, o cantor e compositor Caetano Veloso também se declarou contrário à retirada das pedras portuguesas da Barra.

Em entrevistas à imprensa, o frequentador da Praia do Porto da Barra há várias décadas alegou que Salvador poderia se inspirar em outras

Intervenção urbana foi orçada em R\$ 9,8 milhões

A substituição das pedras portuguesas por granito e concreto, na região do bairro do Comércio, estava inicialmente

também já está pronto. A Prefeitura da cidade de Salvador seria, segundo ele, responsável pela disponibilização da

Regularidade

O superintendente regional do Iphan, Carlos Amorim, se limita a dizer que o processo



É fácil encontrar pedras portuguesas fora do lugar no Comércio, tanto à frente de pontos turísticos, como o Mercado Modelo, quanto nas paradas de ônibus e nas calçadas

DANILE REBOUÇAS

Transeuntes, comerciantes e moradores do bairro do Comércio (Cidade Baixa) continuam à espera de melhorias para as calçadas da região. Há três anos, a prefeitura conseguiu autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para substituir as pedras portuguesas tradicionais por piso de concreto e granito em 34 quadras, mas nada foi feito.

A licença do Iphan expirou em julho do ano passado, após dois anos e, em dezembro, a prefeitura solicitou novamente a autorização do órgão federal e não sabe ainda quando terá uma resposta. Enquanto a nova liberação não sai, nem o município nem proprietários particulares investem na manutenção das calçadas.

É fácil encontrar pedras fora do lugar, tanto na frente de pontos turísticos, quanto nas paradas de ônibus e locais de passagem. A consultora Alessandra Pimentel, 36, deixou de usar salto alto quando vai à região para evitar tropeços e prender o sapato nos espaços entre as pedras. "Adoraria se eles fizessem manutenção nas pedras portuguesas, que

"Adoraria a manutenção nas pedras portuguesas"

ALESSANDRA PIMENTEL, consultora, não usa salto alto na região

"A população odeia as pedras, percebemos isso no dia-a-dia"

MARCUS CIDREIRA, gestor, quer concreto e granito

têm mais a ver com os prédios antigos. Mas, eles não fazem nem uma coisa nem outra, todos os lugares têm algo quebrado", ela reclama.

Maria Verônica, 38, que trabalha em uma gráfica no Comércio, conta que a chefe dela, com 73 anos, levou uma queda, recentemente, por causa da irregularidade da

calçada. "Eles não cuidam, poderiam fazer uma reforma com as pedras portuguesas, ou até trocar pelo concreto, mas que seja algo bem feito. Eu prefiro a manutenção das pedras, já que é para se conservar as características do local", diz. O taxista Fernando Mercês, 60, conta que também anda com cautela nas ruas do bairro. "Já passou da hora de eles fazerem uma manutenção para não ficar degradado do jeito que está".

O coordenador do Escritório de Revitalização do Comércio, Marcus Cidreira, afirma que em julho cobrou do Iphan uma resposta, mas não teve retorno. "Ademora é nosso grande entrave e isso assusta muito os investidores internacionais, é muita burocracia", diz. Em relação à falta de manutenção, o coordenador coloca a responsabilidade nos proprietários de imóveis que, conforme lei municipal, têm a responsabilidade de fazer a manutenção dos passeios à frente dos estabelecimentos. "Não conseguimos sensibilizar a população toda para isso", lamenta. Entretanto, até mesmo nas áreas públicas, como no Terminal da França, há buracos ao longo da calçada.

Intervenção urbana foi orçada em R\$ 9,8 milhões

A substituição das pedras portuguesas por granito e concreto, na região do bairro do Comércio, estava inicialmente orçada no valor de R\$ 9,8 milhões. Os custos para a intervenção teriam recursos já autorizados no Ministério das Cidades, segundo o coordenador do Escritório de Revitalização do Comércio, Marcus Cidreira.

Segundo ele, estaria faltando apenas a liberação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para que o recurso possa ser usado.

O projeto para a intervenção urbana, elaborado pela arquiteta Márcia Leal Ferreira,

34

quadras do bairro do Comércio terão as pedras portuguesas substituídas por piso de concreto e granito, de acordo com projeto já aprovado pelo Iphan

Regularidade

O superintendente regional do Iphan, Carlos Amorim, se limita a dizer que o processo para troca da pedra portuguesa por concreto no Comércio tramita com regularidade e que nunca recebeu do secretário municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação nenhum pedido para celeridade no caso.

A prefeitura, até o momento, também não fez consulta à população para saber da preferência dos transeuntes do Comércio pelas pedras ou pelo concreto. "A população inteira odeia as pedras, percebemos isso no dia-a-dia", garante Cidreira.

Xando Pereira / Ag. A TARDE / 30.8.2009



Transeuntes em trecho da obra feita em 2008 na Barra

Obra na Barra gerou grande polêmica no ano passado

Este mês a polêmica obra que retirou pedras portuguesas das calçadas ao longo da orla marítima na Barra completa um ano. Recém-empossado no Ministério da Cultura, em substituição a Gilberto Gil, Juca Ferreira assumiu uma posição crítica sobre as modificações implantadas pela Prefeitura de Salvador. Ele defendeu a manutenção das pedras portuguesas, "como forma de preservar a herança do período colonial" e chegou a acusar a administração municipal de querer transformar a capital baiana numa "Miami do Hemisfério Sul".

Para Ferreira, a posição dele refletia "o desejo de zelar pela preservação da cidade, porque as mudanças que estão sendo feitas não levam em conta as características históricas de Salvador. Eles não conseguem enxergar esta dimensão da cidade!".

Juca Ferreira não foi o único a levar o debate adiante. A época escrevendo diariamente em um blog na internet, o cantor e compositor Caetano Veloso também se declarou contrário à retirada das pedras portuguesas da Barra.

Em entrevistas à imprensa, o frequentador da Praia do Porto da Barra há várias décadas alegou que Salvador poderia se inspirar em cidades que entram na modernidade preservando o seu patrimônio histórico.